

AVALIAÇÃO ESCOLAR: UMA PONTE PARA O SUCESSO OU FRACASSO EDUCACIONAL

SCHOOL EVALUATION: A BRIDGE TO EDUCATIONAL SUCCESS OR FAILURE

Vanessa Bezerra de Brito¹
Raquel Vieira Andrade²

RESUMO: O presente artigo, traz à tona a importância da Avaliação Educacional e seus desdobramentos, neste estudo fizemos um breve histórico da educação no Brasil, citamos os tipos de avaliação e suas contribuições para o fracasso escolar. Elencamos fatores que podem ajudar a solucionar esse problema, dentre eles, a não utilização de uma avaliação pontual e estratificada que acontece apenas no final de cada período letivo e apontamos algumas estratégias para sanar este problema. Utilizamos como metodologia de pesquisa uma revisão bibliográfica, fundamentada nos documentos oficiais e aporte teórico nos pensamentos de alguns autores como Luckesi, Saviani, Vasconcellos e outros. Podemos concluir através dessa pesquisa que a prática da avaliação deve ser contínua e processual, pois somente assim o professor consegue fazer um acompanhamento da aprendizagem do aluno, que deve ser avaliado de forma ampla, em todos os sentidos, sejam eles sociais ou educacionais, para assim oferecer uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Avaliação; Fracasso Escolar; Ensino.

ABSTRACT: This article brings to light the importance of Educational Assessment and its consequences, in this study we made a brief history of education in Brazil, we cite the types of assessment and their contributions to school failure. We list factors that can help to solve this problem, among them, the non-use of a punctual and stratified evaluation that takes place only at the end of each school period and we point out some strategies to solve this problem. We used as a research methodology a bibliographic review, based on official documents and theoretical support in the thoughts of some authors such as Luckesi, Saviani, Vasconcellos and others. We can conclude through this research that the practice of evaluation must be continuous and procedural, because only then can the teacher monitor the student's learning, which must be evaluated in a broad way, in all senses, whether social or educational, to thus offering a quality education.

Keywords: Assessment; School Failure; Teaching.

INTRODUÇÃO

Quando falamos em avaliação educacional, logo vem à mente como ela pode afetar o desenvolvimento do aluno, positiva ou negativamente. A função da avaliação é auxiliar o professor no processo de ensino, levando-o a refletir sobre como, por que, e para que avaliar. Toda avaliação deveria ter um caráter diagnóstico, voltado para a condução de uma estratégia que melhore o ensino e aprendizagem.

¹Vanessa Bezerra de Brito, Acadêmica de Pedagogia pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, vanessabrito.20190001560@uemasul.edu.br.

²Raquel Vieira Andrade, Acadêmica de Pedagogia pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, raquelandrade.20190001515@uemasul.edu.br.

O professor como condutor desse processo, deve ter um olhar voltado para o aluno em todas as suas dimensões, ou seja, todos os fatores que o acompanham, dentro e fora da escola. Levando em consideração a heterogeneidade da turma e a diferença no tempo que os alunos levam para aprender, que não é igual para todos.

É preciso verificar se os alunos dominam o conteúdo anteriormente passado antes de iniciar uma nova atividade com a turma. O diagnóstico precisa ser feito no início de cada unidade, não apenas no início do período letivo, “Isso facilita o desenvolvimento da unidade e ajuda a garantir a eficácia do processo ensino – aprendizagem” (HAYDT, 2000, p. 20).

O sistema educacional, muitas vezes, está pautado em um caráter que classifica o aluno em bom ou ruim. É como se todos aprendessem de forma igual e ao mesmo tempo. Essa forma classificatória de avaliar desestimula o aluno que tem mais dificuldade, pois ele não consegue acompanhar a turma e acaba sendo desmotivado.

Esse artigo foi desenvolvido com a finalidade de caracterizar as práticas avaliativas e relacioná-las ao fracasso escolar, algo que vai além dos muros da escola. Para isso, fizemos o estudo de alguns autores que levantam essa temática como: Luckesi, Saviani e outros.

UM BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Por volta de 1530, iniciou-se o sistema de educação do Brasil, com a chegada dos jesuítas e a catequização dos indígenas, para convertê-los à fé católica. “A Companhia de Jesus deu início à elaboração de um plano de estudos a ser implantado em todos os colégios da Ordem em todo o mundo, o qual ficou conhecido pelo nome de *Ratio Studiorum*” (SAVIANI, 2007, p. 50).

Em 1599, publicado por um padre italiano, o *Ratio Studiorum* era fundamentado por uma padronização que sistematizou e fundamentou o ensino, e tornou-se o manual oficial do ensino dos Jesuítas, o primeiro sistema de educação católica organizado que tinha um currículo que unificava o ensino e propunha que a educação do indivíduo fosse feita de forma integral, o plano de estudos foi composto por:

[...]um conjunto de regras cobrindo todas as atividades dos agentes diretamente ligados ao ensino. Começava pelas regras do provincial, passava pelas do reitor, do prefeito de estudos, dos professores de modo geral e de cada matéria de ensino, chegava às regras da prova escrita, da distribuição de prêmios, do bedel, dos alunos e concluía com as regras das diversas academias (SAVIANI, 2007, p. 55).

E, mesmo depois da expulsão dos jesuítas na era pombalina, o mesmo modelo de ensino instituído por eles continuou, porém com ordens religiosas diferentes e não mais para os nativos. No período colonial não houve construção de escolas e o ensino era para quem tinha mais posses e feito de forma individual. Após a independência do Brasil, o sistema educacional tornou-se coletivo e houve uma formalização do ensino e criação de escolas.

Só depois da Proclamação da República, novas estruturas de ensino foram criadas, e em seguida de forma gradual foram surgindo universidades, faculdades, escolas profissionalizantes, ginásio e científico. Nessa mesma época, no início do século XX, surgiu a Escola Nova, que defendia o ensino público, gratuito e que a escola fosse laica.

A partir do que já foi citado, podemos observar as mudanças sociais e educacionais sofridas através dos séculos, a educação saiu de um modelo religioso, no qual ela era utilizada para catequizar, passando por um momento em que se tornou acessível apenas para quem tinha mais posses, e chegou ao momento em que se tornou laica, pública e gratuita. Assim como o processo educacional, e juntamente com ele a avaliação passou por diversas mudanças no decorrer do

tempo.

AVALIAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR

Discutir sobre avaliação, nos faz refletir sobre o papel da escola e de sua existência, e sobre o professor e sua função social, conduzindo-nos a pensar a respeito do que é incluir, dos direitos e deveres dos alunos e de como está sendo encaminhada essa avaliação pelo professor e pela escola.

Durante o processo de ensino e aprendizagem, a prioridade é que o aluno tenha um bom desenvolvimento. O objetivo da educação é que todas as crianças desenvolvam sua capacidade física, intelectual, emocional, e seja independente no pensar. O professor deve ter uma prática pedagógica reflexiva, para assim diagnosticar os retardos e falhas no desenvolvimento dos alunos e também suas potencialidades, lembrando que cada criança aprende e se desenvolve de maneira diferente.

Diagnosticar parte de uma constatação feita a partir de um objeto. Quando observamos uma mesa por exemplo, podemos afirmar que ela é quadrada ou retangular, tem quatro pernas e é de uma determinada cor, ou seja, precisamos analisar o objeto por completo para dizer suas características, assim também é com o aluno, é preciso observar quem estamos avaliando num sentido amplo e não apenas os seus resultados, como podemos observar na charge abaixo:

Figura 1. Crítica ao fracasso escolar



Fonte: http://facfama.edu.br/uploads/files/unificada_2019_1/pedagogia/caderno_de_questoes_un_pedagogia_-_5_periodo_final.pdf

Faz-se hegemônico o discurso de uma “educação de qualidade para todos”, que se propaga associado a uma suposta igualdade de oportunidades, desconsiderando as desigualdades das condições sociais e atribuindo os insucessos unicamente à responsabilidade individual. Tal compreensão fortalece e mantém a desigualdade do acesso à educação e à aprendizagem, visto que não questiona os processos que as naturalizam (...) (ESTEBAN, 2003, p. 58).

Por muito tempo o ato de avaliar foi pautado apenas no sistema de notas, através de uma prova que qualificava os alunos, ou seja, quem tirava uma boa nota era considerado um bom aluno, aquele que tirava uma nota baixa seria reprovado e considerado um mau aluno. Esse sistema de promoção do aluno, voltado para nota e aprovação, e não para aprendizagem, é criticado por Luckesi (1998), que fala a respeito do perigo dessa forma de avaliar.

Pais, sistema de ensino, profissionais da educação, professores e alunos, todos têm suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra (...). O nosso exercício pedagógico é atravessado por mais uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem (LUCKESI, 1998, p.18).

Nosso sistema de ensino ainda tem muito o que avançar em relação a avaliação, mas os documentos oficiais já nos garantem uma mudança nesse cenário, a BNCC, indica que ela seja formativa, o que também é chamada de provas contínuas, que analisam o processo de aprendizagem do aluno e identifica suas dificuldades, “construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos.” (BRASIL, 2018, p.17). Podemos classificar a avaliação em quatro tipos: a formativa, diagnóstica, comparativa e a somativa. Segue a classificação e diferenças de cada uma delas.

A avaliação formativa é contínua e visa uma interação entre aluno e professor, toda a relação entre eles é uma avaliação, o professor avalia dia após dia o aluno e vai adaptando sua prática de acordo com a necessidade, sempre visando a aprendizagem, essa forma de avaliar observa tudo que é vivido pelo aluno, dentro ou fora da sala de aula.

A avaliação formativa buscaria, além disso, compreender o funcionamento cognitivo do aluno em face da tarefa proposta. Os dados de interesse prioritário são os que dizem respeito às representações das tarefas explicitadas pelo aluno e as estratégias ou processos que ele utiliza para chegar a certos resultados. Os “erros” constituem objeto de estudo particular, visto que são reveladores da natureza das representações ou das estratégias elaboradas por ele. A finalidade da recuperação pedagógica será ajudar o aluno a descobrir aspectos pertinentes da tarefa e comprometer-se na construção de uma estratégia mais adequada (SOUZA, 1998, p.67).

Essa avaliação busca encontrar as dificuldades que impedem o aluno de prosseguir aprendendo. Muitos professores já fazem essa avaliação, ainda que sem perceber, de forma intuitiva. Essa prática utiliza diferentes métodos avaliativos para reconhecer as potencialidades do aluno, um dos instrumentos mais utilizados é o caderno do aluno.

A avaliação comparativa, tem como objetivo observar o aproveitamento do aluno de forma que o professor consiga refletir sobre o que e como ensinar. Essa avaliação é feita de forma pontual, normalmente no final da aula para verificar se o aluno conseguiu aprender o conteúdo de forma satisfatória. Os principais instrumentos de avaliação são: testes feitos de maneira rápida no final da aula.

A avaliação somativa é a mais conhecida de todas, aquela que quantifica e atribui notas aos alunos, com caráter excludente e pontual, a famosa prova no final de cada período letivo que só avalia o resultado final e não todo o processo do aluno. Um aluno pode se sair bem em todas as outras avaliações já citadas e reprovar porque não conseguiu obter uma nota satisfatória na somativa. Essa prática é “mais uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem” (Luckesi, 1998, p.18).

As avaliações externas, surgiram a partir do final do século XX, para avaliar de forma coletiva o desempenho educacional das escolas do Brasil. A primeira ação nacional foi o Sistema Nacional da Educação Básica (SAEB), feito para conhecer de forma mais profunda o sistema educacional brasileiro, começou a ser desenvolvido no final dos anos 80 e colocado em prática a

partir de 1990, desde então é feito a cada dois anos.

Em 2005 foram incorporadas a ele duas grandes avaliações: a ANEB (Avaliação Nacional da Educação Básica) e a ANRESC (Avaliação Nacional de Rendimento Escolar, também conhecida como Prova Brasil), e em 2013 a Ana (Avaliação Nacional da Alfabetização). Em 2019, com a BNCC, todo o sistema educacional foi adaptado, e a partir de então a junção dessas avaliações possui uma única nomenclatura que é o SAEB (Sistema de avaliação da Educação Básica), que passou a contemplar também a educação infantil.

O principal objetivo do SAEB é avaliar a educação básica brasileira e contribuir para a melhoria da qualidade do sistema educacional do Brasil, com a universalização do acesso à escola e oferecer através dos dados coletados nos exames subsídios para formular políticas públicas que garantam a todos uma educação de qualidade.

O SAEB é composto por três avaliações externas em larga escala: Avaliação Nacional da Educação Básica – ANEB; abrange, de maneira amostral, alunos das redes públicas e privadas do país, em áreas urbanas e rurais, matriculados na 4ª série/5ºano e 8ªsérie/9ºano do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio, tendo como principal objetivo avaliar a qualidade, a equidade e a eficiência da educação brasileira. Apresenta os resultados do país como um todo, das regiões geográficas e das unidades da federação. - ANRESC (também denominada "Prova Brasil") Avaliação Nacional do Rendimento Escolar - trata-se de uma avaliação censitária envolvendo os alunos da 4ª série/5ºano e 8ªsérie/9ºano do Ensino Fundamental das escolas públicas das redes municipais, estaduais e federal, com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino ministrado nas escolas públicas. Participam desta avaliação as escolas que possuem, no mínimo, 20 alunos matriculados nas séries/anos avaliados, sendo os resultados disponibilizados por escola e por ente federativo. e Avaliação Nacional da Alfabetização – ANA: avaliação censitária envolvendo os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental das escolas públicas, com o objetivo principal de avaliar os níveis de alfabetização e letramento em Língua Portuguesa, alfabetização Matemática e condições de oferta do Ciclo de Alfabetização das redes públicas. A ANA foi incorporada ao Saeb pela Portaria nº 482, de 7 de junho de 2013 (BRASIL, 2015).

Além das avaliações externas nacionais, temos também as internacionais como o PISA- Programa Internacional de Avaliação de Estudantes ou Programme for International Student Assessment, que compara o desempenho dos alunos na faixa etária dos 15 anos, que é a idade em que a maioria dos alunos concluem o ensino básico na maior parte dos países.

O exame é realizado a cada três anos, e seu principal objetivo é ajudar através dos dados coletados nos exames formas de ajudar o país a estudar a qualidade da educação básica e é feito pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que é formada por mais de 30 países. Alguns países que não fazem parte dessa organização também participam do PISA, o Brasil é um deles.

Todas as avaliações externas já citadas, utilizam de provas que servem para medir pontualmente o conhecimento do aluno, diferentemente do que deve ser feito pelo professor em sala de aula, que é uma avaliação contínua e processual.

A avaliação faz parte de um continuum e, como tal, deve ser processual, contínua, integrada no currículo e, com ele, na aprendizagem. Não são tarefas discretas, descontínuas, isoladas, insignificantes em seu isolamento; tampouco é um apêndice do ensino (MENDEZ, 2002, p. 16).

Há muito tempo, avaliar tem sido um ato pontual que serve para medir o aprendizado em uma única prova, o que por muitas vezes se torna algo punitivo. A avaliação precisa ser um

processo contínuo feito dia após dia na sala de aula e o mais importante desse processo são as informações obtidas e o que fazer com elas, ou seja, de que maneira o professor pode intervir e ajudar no processo de aprendizagem desse aluno.

Avaliar não deve se resumir a apenas uma prova, o professor precisa avaliar o aluno desde o momento em que ele entra na sala de aula, como ele interage com os colegas e a sua evolução no decorrer das aulas, a fim de planejar uma forma de contribuir com o desenvolvimento desse aluno.

Avaliação é um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de captar seus avanços, suas resistências, suas dificuldades e possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os obstáculos (VASCONCELLOS, 2005, p. 53).

Avaliação baseada em conceitos como “aprovado” e “reprovado” a partir de um exame que normalmente vale de 0 a 10, não avalia se o aluno aprendeu com qualidade, apenas se aprenderam, essa prática não traz um embasamento para o professor entender em que ponto o aluno precisa ser ajudado, apenas mede e classifica os alunos.

Entender que a turma não é homogênea é algo fundamental, porque quando o professor tem essa visão certamente conseguirá auxiliar melhor o aluno que tem mais dificuldades, pois assim ele compreende que não tem como medir ou comparar um com o outro, cada um tem sua maneira e tempo de absorver os conteúdos, não há como planejar o tempo que vai levar ou estágio que todos os alunos estarão.

Foto 2: Crítica sobre a exclusão no ensino.



Fonte: Bing.

Acima podemos notar uma crítica acerca da avaliação, ao ignorar as condições sociais dos alunos, o educador passa a ter uma visão limitada com relação ao processo de aprendizagem desses indivíduos, tornando ainda mais difícil o sucesso no processo escolar.

Não adianta desejar que o educando esteja neste ou naquele estágio, deste ou daquele jeito, seja deste ou daquele jeito. Ele é como é e, deste modo, necessita de ser acolhido. É necessário ir até o educando, para que, após sentir-se acolhido, ele possa nos acompanhar por um novo caminho, ou até mesmo por um novo pedaço do caminho que já vem trilhando em sua existência. Acolher é receber amorosamente o outro, sem julgá-lo (LUCKESI, 2005, p.79).

A avaliação é um fator amplo, que pode auxiliar na solução de problemas externos que interferem no ensino-aprendizagem do aluno, criando diversas possibilidades de estratégias de

inclusão e melhorias na qualidade de ensino. Vale lembrar que isto depende de como é feita essa avaliação e a visão do professor em relação ao aluno, caso contrário a avaliação pode culpabilizar o aluno pelo seu insucesso escolar, atribuindo a ele toda a responsabilidade.

Se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece a todo o sistema escolar é injusta de fato, é que, em toda sociedade onde se proclama ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios (BOURDIEU, 1998, p.53).

Segundo a afirmação de BOURDIEU, é importante que tenha uma neutralidade na escola e os alunos deveriam competir de forma igual para que o resultado final seja satisfatório para todos de maneira que seja reconhecido os méritos e saberes do discente.

O fracasso escolar é um problema educacional e social que ocorre quando o indivíduo não consegue alcançar os objetivos do ensino obrigatório. Isso acontece normalmente quando há dificuldades de aprendizagem, o abandono escolar ou por falta de estímulo. Porém a culpa desse fracasso não é atribuída somente ao aluno, mas a forma como o aluno é visto e avaliado em sala de aula.

É preciso entender que a manutenção desse aluno na escola, é acima de tudo uma questão social, pois não existe um único fator por trás desse insucesso, existe todo um sistema que falha com esse estudante, desde a infância. Alunos que desistem ou que reprova seguidas vezes, normalmente enfrentam problemas que estão além dos muros da escola, seja na sua família ou na sua comunidade.

A grande maioria da população de nossas escolas apresenta todo tipo de problemas relacionados à desnutrição, fome, carência cultural e afetiva, falta de condições materiais e psicológicas para o estudo em casa, necessidade de trabalhar para ajudar no orçamento doméstico, bem como uma série de outros problemas, advindos todos eles do estado de injustiça social vigente e que comprometem o desenvolvimento do aluno na aprendizagem (PARO, 1996, p. 143).

A escola deve mudar sua concepção em relação à avaliação, não classificar e julgar o aluno como um caso perdido, mas ajudá-lo aprender e desenvolver seu potencial através de uma metodologia diferenciada e estratégias diversificadas de ensino, que estimulem o educando que por muitas vezes deixou de acreditar em si mesmo.

O termo “fracasso escolar” já é inicialmente discutível. Em primeiro lugar, porque transmite a ideia de que o aluno “fracassado” não progrediu praticamente nada durante seus anos escolares, nem no âmbito de seus conhecimentos nem no seu desenvolvimento pessoal e social, o que não corresponde em absoluto à realidade. Em segundo lugar, porque oferece uma imagem negativa do aluno, o que afeta a sua autoestima e sua confiança para melhorar no futuro. O mesmo acontece se a etiqueta do fracasso escolar for aplicada à escola em seu conjunto porque não alcança os níveis que se espera dela. O conhecimento público desta avaliação pode incrementar suas dificuldades e distanciar dela alunos e famílias que poderiam contribuir para sua melhora. Em terceiro lugar, porque centra no aluno o problema do fracasso e parece esquecer a responsabilidade de outros agentes e instituições como as condições sociais, a família, o sistema educacional ou a própria escola (MARCHESI, GIL E PÉREZ, 2004, p.17).

Figura 3: Representação ao fracasso escolar.



Fonte: Bing.

Nas instituições educacionais, os profissionais precisam compreender a realidade atual do educando, já que ele traz consigo uma carga de culturas e experiências do seu meio social. Muitas vezes a aprendizagem não é significativa, pois há uma descontextualização referente aos conteúdos e a realidade do aluno.

Muitos são os fatores que levam ao fracasso escolar. Podemos observar que muitas vezes ao invés de reconhecer que o ensino e as condições de aprendizado na escola não conseguem atrair o aluno, os educadores em geral buscam no aluno a culpa por seu desinteresse. Quando o aluno encontra dificuldades que impedem que obtenha sucesso em seu processo de aprendizagem, acaba optando pela desistência ou sendo levado à reprovação.

Essa visão, que “naturaliza” o fracasso, impede a compreensão de que ele resulta de formas e de normas de excelência instituídas pela escola, cuja execução local revela algumas arbitrariedades entre as quais a definição do nível de exigência, do qual depende o limiar que separa aqueles que têm êxito daqueles que não o têm (PERRENOUD, 2000, p. 18).

A avaliação de certa forma causa uma tensão no aluno, pois já vem em mente uma avaliação tradicional que é feita a partir de testes e questionamentos como forma de mostrar o que foi aprendido durante todo o processo de aprendizagem. A evasão escolar, está ligada às consequências que uma nota baixa traz, deixando o aluno com um sentimento de inferioridade. Sabemos que não se pode abrir mão da avaliação já que é um ponto fundamental para o processo de ensino - aprendizagem do aluno, contudo deve-se criar oportunidades para que haja uma avaliação de forma gradual e de todo o processo de aprendizagem, não apenas pontualmente.

Um dos fatores para a evasão escolar está associada com a falta de estímulo tanto na estrutura que a escola propõe, como na forma em que os conteúdos e ensinamentos são passados. Diante disto se faz necessário que toda a gestão escolar juntamente com os professores, procurem meios inovadores e dinâmicos para que o interesse do aluno seja despertado.

Uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções



necessárias. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. Os dados coletados no decurso do processo de ensino, quantitativos ou qualitativos, são interpretados em relação a um padrão de desempenho e expressos em juízos de valor (muito bom, bom, satisfatório etc.) acerca do aproveitamento escolar. A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação as quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar (LIBÂNEO, 1994, p. 195).

Estratégias de ensino devem ser analisadas e pensadas para que haja uma diminuição do desinteresse dos alunos. A seguir vamos citar algumas práticas que são importantes para esse processo. Analisar as propostas e metodologias pedagógicas: Todo corpo docente deve trabalhar suas práticas pedagógicas baseada na necessidade do aluno, com isso se faz necessário buscar saber dos discentes suas dificuldades de aprendizagem, após isso devem ser desenvolvidas continuamente maneiras de tornar as matérias, aulas e conteúdos mais atrativos, mas que tenham relação com o cotidiano do aluno; Utilização da tecnologia para impulsionar a aprendizagem: Atualmente a tecnologia vem sendo um grande meio facilitador do acesso aos conteúdos propostos em salas de aulas, além de proporcionar aos alunos diversos meios para criar, compartilhar e buscar informações.

A educação em suas relações com a Tecnologia pressupõe uma rediscussão de seus fundamentos em termos de desenvolvimento curricular e formação de professores, assim como a exploração de novas formas de incrementar o processo ensino-aprendizagem (CARVALHO, KRUGER, BASTOS, 2000, p. 15).

A tecnologia em sala de aula pode proporcionar uma relação entre o conhecimento que está sendo transmitido com os já adquiridos e vivenciados pelos alunos. Os docentes se apropriam de softwares que o auxiliam e tornam a aula mais atrativa. Ainda existem alguns impasses sobre usar ou não essas tecnologias. Investimentos na formação continuada dos docentes: É necessário que haja um investimento na capacitação continuada dos professores, pois o conhecimento é um conjunto de conceitos, teorias e valores que vão sendo adquiridos através das experiências cotidianas, mas deve-se se qualificar, em busca de um desempenho profissional melhor.

O valor da tecnologia na educação é derivado inteiramente da sua aplicação. Saber direcionar o uso da Internet na sala de aula deve ser uma atividade de responsabilidade, pois exige que o professor preze, dentro da perspectiva progressista, a construção do conhecimento, de modo a contemplar o desenvolvimento de habilidades cognitivas que instigam o aluno a refletir e compreender, conforme acessam, armazenam, manipulam e analisam as informações que sondam na Internet (ARAÚJO, 2005, p. 23-24).

Para que seja um professor capacitado, ele deve ampliar e inovar seus métodos na transmissão do conhecimento, com isso proporcionará resultados melhores no ensino - aprendizagem do aluno. Realização de atividades e projetos interdisciplinares: Não basta somente o ensino mecanizado, onde o aluno se senta na cadeira, abre o livro e inicia o processo de memorização e recebimento das informações, isso acaba causando um desânimo para o aluno. Diante disso é importante a criação de projetos interdisciplinares que incluam os discentes em atividades interativas e dinâmicas. É importante, ainda, repensar essa metodologia como uma forma de promover a união escolar em torno de um objetivo comum que é a formação social do

indivíduo.

O projeto de interdisciplinaridade traz para o aluno a relação dos conteúdos com seu cotidiano e faz com que o discente promova desenvolvimento e a capacidade de associação das diversas situações - problemas, além de buscar por soluções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que a avaliação de modo geral tem como objetivo obter informações sobre os conhecimentos prévios dos alunos, se ele está evoluindo em seus conhecimentos, se está aprendendo todo o conteúdo transmitido pelo professor. Diante disso sabemos que a avaliação é indispensável no processo de ensino - aprendizagem do aluno, mas deve ser planejada e realizada de maneira que haja uma compreensão diante as dificuldades e potenciais individuais de cada discente, pois pode se tornar mecanismos exclusão quando é feita de modo evasivo, ou caso contrário, se ocorrer da forma certa ocasiona uma inclusão.

Mediante ao fracasso escolar, a avaliação tem sido um dos fatores diretos, ao se tratar da evasão no ensino, com isso deve-se oferecer ao aluno a devida motivação, reconhecendo suas dificuldades, saberes e necessidades para que a partir disso seja criado um espaço acolhedor e mais inclusivo. É importante lembrar que o professor é o principal intermediador entre o estudante e a escola, e que apesar de o aluno ser o foco do processo de ensino e aprendizagem, o professor também precisa ser acolhido, valorizado e respeitado.

Por fim, a avaliação contribui diretamente para uma tomada de decisões que influenciam a permanência ou desistência do aluno no âmbito escolar. Sabemos que a avaliação tem como objetivo melhorar a qualidade de ensino e não para decidir quem está acima ou abaixo na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. S. de. **Contribuições da Metodologia WebQuest no Processo de letramento dos alunos nas séries iniciais no Ensino Fundamental**. In: MERCADO, L. P. L (org.). *Vivências com Aprendizagem na Internet*. Maceió: Edufal, 2005.

BOURDIEU, P. **A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (org.). *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

ESTEBAN, M. T (Org.). **Escola, Currículo e Avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003.

CARVALHO, M. G.; Bastos, J. A. de **Apropriação do conhecimento tecnológico**. Paraná: CEEFET-PR, 2000.

HAYDT, R. C. **Avaliação no processo de ensino – aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, C. **Maneiras de avaliar a aprendizagem**. Pátio, São Paulo, v. 3. n. 12., 2000.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 2002.

LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1999.

MARCHESI, Á., GIL, C. H. **Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MÉNDEZ, J. M. A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PARO, V. H. **Administração escolar: Introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 1996.

PERRENOUD, P. **Pedagogia diferenciada: das intenções à ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SOUZA, C. P. de (Org.) **Avaliação do Rendimento Escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

VASCONCELLOS, C. S. **Avaliação: concepção dialética libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 2005.